

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA

Influência dos estilos parentais no desenvolvimento de traços de psicopatia nos jovens

Mafalda Soares Pontes dos Santos

M

2023



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**Influência dos estilos parentais no desenvolvimento
de traços de psicopatia nos jovens**

Mafalda Soares Pontes dos Santos

Maio, 2023

Dissertação apresentada no Mestrado de Psicologia, área de
especialização em Psicologia da Justiça e Desviância, Faculdade
de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do
Porto, orientada pelo Professor Doutor Fernando Ferreira Santos
(FPCEUP)

Resumo

No presente estudo analisa-se a associação entre os estilos parentais e o desenvolvimento de traços de psicopatia dos jovens. Foi realizada uma regressão linear múltipla, introduzindo os estilos parentais como preditores e os traços de psicopatia como variáveis resultado, numa amostra ($N = 67$, 64% raparigas) de jovens com idade entre os 12 e os 16 anos ($M = 14$; $DP = 1.21$). Os resultados demonstraram que estilos de parentalidade baseados no afeto e na comunicação parecem estar relacionados com pontuações mais baixas nos traços de psicopatia e que estilos parentais assentes na rejeição parecem estar relacionados com pontuações mais elevadas nos traços de psicopatia dos jovens. No entanto, os efeitos observados foram pequenos, o que pode ter importantes implicações. Este estudo contribuiu para compreender o impacto dos estilos parentais no desenvolvimento dos traços de psicopatia dos jovens. Os resultados foram analisados à luz de algumas limitações.

Palavras-chave: parentalidade; psicopatia; jovens.

Introdução

O papel dos pais na formação da personalidade

A adolescência é um período do desenvolvimento humano onde são estabelecidas habilidades sociais duradouras, bem como atributos de personalidade, orientações e valores sociais (Maccoby, 1992). Segundo Steinberg (2015), a puberdade abre uma “janela de plasticidade” no córtice pré-frontal, mas a forma como esta é moldada no cérebro depende do ambiente. Neste sentido, os pais – frequentemente considerados como os primeiros e principais agentes de socialização da criança – podem funcionar como reguladores externos, ensinando capacidades de tomada de perspectiva, estratégias de resolução de conflito e formas de considerar relacionamentos (Grusec, 2002).

Deste modo, embora seja improvável que apenas os estilos de educação parental possam determinar o comportamento e personalidade da criança (Holden & Edwards, 2002), é inegável a sua importância neste sentido (Baldwin et al., 1945; Gomide, 2003; Weber et al., 2004). Com base nesta teoria, a investigação da conceptualização dos estilos parentais de Baumrind (1971), produziu uma imagem consistente do tipo de parentalidade que conduz à socialização bem-sucedida das crianças (Darling & Steinberg, 1993).

De acordo com a sua análise tripartida, Baumrind (1971) classificava os estilos parentais em (1) Autoritários – pais que tentam moldar, controlar e avaliar o comportamento e as atitudes dos filhos de acordo com os seus padrões de conduta, normalmente padrões absolutos, motivados por uma maior autoridade. Valorizam a obediência como uma virtude e recorrem a medidas rígidas e punitivas para conter a vontade própria da criança. Não há promoção de pensamento autónomo; (2) Autorizados – pais que estabelecem e explicam normas de conduta, valorizam o cumprimento de regras razoáveis, mas respeitam a autonomia e a individualidade da criança, sendo sensíveis às suas necessidades e desejos; (3) Permissivos – pais que não impõem restrições e possuem dificuldade em transmitir normas de conduta claras, não são consistentes nas exigências colocadas, nem capazes de proporcionar situações de treino da autonomia.

Ao contrário da configuração autoritária, a configuração autorizada une a monitorização e controle comportamental com afeto e apoio à autonomia. A alta responsividade afeta positivamente as crianças quando combinada com alta exigência (padrão autorizado), mas não quando conjugada com baixa exigência (padrão permissivo; Baumrind, 2005).

Contudo, tendo em conta que os resultados originais não são totalmente consistentes, Darling e Steinberg (1993) realizaram uma nova análise de estilos parentais, distinguindo Práticas Parentais (conteúdo) - comportamentos específicos, orientados para os objetivos, através dos quais os pais desempenham os seus deveres parentais - e Estilos Parentais (contexto) - comportamentos não orientados, tais como gestos, mudanças no tom de voz, ou a espontânea expressão de emoção.

Considerando esta distinção, alguns estudos indicam que determinadas práticas parentais poderão estar negativamente associadas a comportamentos antissociais da criança, incluindo a monitorização, disciplina e a capacidade de resolução de problemas familiares (Patterson & Fisher, 2002). Robins (1993) postulou ainda que a falta de supervisão e disciplina na infância pareciam estar relacionadas com o comportamento antissocial dos adultos. Por outro lado, Garcia e colaboradores (2019), demonstraram que o afeto e a comunicação aparentam estar negativamente relacionados com a impulsividade, reduzindo a probabilidade de comportamentos antissociais.

No que concerne à avaliação dos estilos parentais educativos, o *Egna Minnen Bertraffande Uppfostran Parents Version* (EMBU-P; Castro, 1993: versão traduzida por Canavarro & Pereira, 2007), tem sido um dos instrumentos de autorrelato mais utilizados. Canavarro e Pereira (2007) realizaram um estudo com uma amostra de 512 participantes portugueses, avaliando a consistência interna, a estrutura fatorial, a validade convergente e discriminante do EMBU-P e os resultados indicaram que o instrumento apresenta boas qualidades psicométricas, sendo um instrumento válido e fiável para avaliar estilos parentais, na perceção dos pais. Além deste, a Escala de Avaliação dos Estilos Parentais Versão Materna e Paterna (Delgado et al., 2007: versão portuguesa de Pereira et al., 2014) revelou ser um instrumento válido e fidedigno na avaliação do funcionamento parental, através da perceção dos filhos, apresentando bons índices de ajustamento e valores de consistência elevados.

Estilos Parentais e Psicopatia

Durante muitos anos, a psicopatia foi considerada um construto unitário, resultante de uma patologia ou défice central subjacente (Patrick & Bernat, 2009). Inicialmente, Cleckley (1988) descreveu a psicopatia como uma patologia grave mascarada por uma aparência de boa saúde psicológica. Segundo Kiehl (2000), a psicopatia seria ainda uma complexa perturbação de personalidade, definida por um conjunto de características comportamentais e afetivas. Apesar de Hare (1993) não

considerar que a psicopatia é o resultado direto de fatores ambientais, defende que a mesma emerge de uma interação complexa entre fatores biológicos e forças sociais, adotando uma concepção taxonômica da psicopatia. Este autor (Hare, 1980) criou um instrumento para avaliar este construto na população forense masculina – *Psychopathy Check-List* (PCL; Hare, 1980) – operacionalizando-o através de uma caracterização bifatorial: o fator 1 expressa os traços interpessoais e afetivos da personalidade, incluindo superficialidade, mentira e manipulação, a pobreza de afetos, de remorsos e empatia; o fator 2 expressa características associadas a um estilo de vida impulsivo e antissocial (Hare, 1991; Harpur et al., 1989). Todavia, esta análise unitária da psicopatia não considera a heterogeneidade deste construto, bem como as suas expressões fenotípicas distintas. É importante referir que, anteriormente, um diagnóstico clínico de psicopatia poderia ser obtido apenas através do fator 2 da PCL, sem considerar a presença de traços adaptativos da psicopatia (Pasion, 2014; Patrick, 2006).

Para colmatar estas necessidades, surge uma perspetiva mais recente, o Modelo Triárquico da Psicopatia (Patrick et al., 2009). Este modelo concebe a psicopatia como um construto dimensional, reconhecendo que os seus traços se distribuem num *continuum* e engloba três construções fenotípicas distintas: (1) Desinibição, relacionada com a propensão geral para problemas de controlo de impulsos. Esta faceta é considerada mal-adaptativa e ocorre em várias patologias, como dependência de álcool ou de estupefacientes, bem como problemas de conduta, não sendo distintiva da psicopatia (Kruger et al., 2002); (2) Ousadia, ligada ao nexos de dominância social e respostas adaptativas em situações de crise. Está especificamente relacionada com a psicopatia, podendo ser considerada a sua faceta adaptativa (Wall et al., 2015); (3) Malvadez, caracterizada pela procura agressiva de recursos e frieza emocional. Este modelo é operacionalizado através do *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM; Patrick et al., 2009) o qual mostra convergência com o *Youth Psychopathic Inventory* (YPI; Andershed et al., 2002), uma medida projetada para avaliar traços de psicopatia em jovens (Patrick & Drislane, 2015). O YPI mede três grandes dimensões dos traços de psicopatia: (a) Grandiosidade-Manipulação, que reflete as características interpessoais; (b) Frieza Emocional, interligada com défices afetivos; (c) Impulsividade-Irresponsabilidade, que descreve as tendências comportamentais para a falta de controlo inibitório.

Nos últimos anos, tem havido um maior interesse em estudar a psicopatia na infância e na adolescência, bem como na inserção de fatores ambientais de alto impacto nos jovens, interferindo no desenvolvimento da sua personalidade (Farrington et al.,

2010; Karpman, 1950; Pardini & Loeber, 2007). Neste contexto, apesar de alguns autores sugerirem que características como empatia e desenvolvimento da consciência possam não estar suficientemente desenvolvidas até à idade adulta (Hart et al., 2002; Seagrave & Grisso, 2002), é aceite que as emoções básicas estão presentes desde os primeiros dias de vida (Izard, 1977). Segundo Salekin (2006), a capacidade de avaliar as emoções e traços de personalidade relacionados com a psicopatia, tais como o afeto superficial, a procura de sensações fortes e a responsividade emocional, podem ser observados a partir de uma idade precoce. Num estudo inglês com gémeos, Larsson e colaboradores (2008) relataram que a parentalidade negativa, incluindo uma disciplina parental dura, poderia ser associada à combinação de frieza emocional e comportamento antissocial. Por outro lado, num estudo com raparigas hispânicas, a parentalidade inconsistente e fraca monitorização não pareceram relacionar-se com traços de psicopatia como frieza emocional (Vitacco et al., 2003).

McCord e McCord (1964) concluíram que a rejeição parental parece ser o fator mais crítico no desenvolvimento de traços de psicopatia, possivelmente por facilitar o desenvolvimento de traços de frieza emocional. Outros investigadores propuseram ainda que os traços de psicopatia nas crianças e jovens poderão residir nos problemas de vinculação à família, particularmente às figuras parentais (Khetrapal, 2009; Saltaris, 2002). No mesmo sentido, Marshall e Cooke (1999), descobriram que um número significativamente maior de reclusos com traços de psicopatia relatou ter sofrido indiferença ou negligência parental, pobre supervisão e pobre disciplina parental. Salekin e Lochman (2008) sugeriram ainda que a parentalidade exerce a sua maior influência durante a infância e, mesmo que as práticas parentais sejam alteradas, as dificuldades que surgem pós infância podem ser mais difíceis de reverter.

Além disso, Beaver e colegas (2014), examinaram as interações pessoa-ambiente com o intuito de ajudar a explicar a variabilidade nos traços de psicopatia em adolescentes do sexo masculino. Descobriram que jovens com temperamento mais fácil e que foram expostos a baixa sensibilidade parental, tinham maior probabilidade de revelar altos níveis de traços de psicopatia do que os jovens com fácil temperamento que foram expostos a alta sensibilidade parental.

Presente Estudo

Com o estudo dos traços de psicopatia nos jovens a emergir como relevante na literatura (Deng et al., 2022; Forth et al., 1990; Frick et al., 1994; Lynam, 1996; Waller

et al., 2013), é importante investigar a sua ontogenia e os efeitos sequenciais de fatores de risco na psicopatia, sendo necessária uma maior investigação científica sobre este tópico (Ferrington, 2010; Krupić et al., 2020; Salekin et al., 2005). De facto, como reportado acima, os estilos de parentalidade parecem ter uma influência nos comportamentos e desenvolvimento da personalidade dos jovens. Contudo, há a necessidade de um maior estudo da mesma no contexto concreto da psicopatia. Este estudo surge, então, para explorar a forma como os estilos de parentalidade poderão influenciar o desenvolvimento de traços de psicopatia nos jovens, desconsiderando apenas características individuais que possam interferir nesta relação. As hipóteses e análises deste estudo foram pré-registadas após a recolha de dados ter sido iniciada, mas antes dos dados terem sido consultados, conforme detalhado na secção relativa ao Método.

Segundo a literatura, postularam-se as seguintes hipóteses: (1) Pontuações elevadas num estilo de parentalidade com base na rejeição estarão diretamente relacionadas com pontuações elevadas de Frieza Emocional nos jovens; (2) Pontuações elevadas num estilo de parentalidade baseado em suporte emocional estarão diretamente relacionadas com pontuações elevadas de Grandiosidade-Manipulação; (3) Pontuações elevadas numa parentalidade baseada em afeto e comunicação estarão relacionadas com pontuações mais baixas nos traços de psicopatia em geral; (4) Pontuações elevadas numa parentalidade baseada em controlo comportamental e psicológico estarão relacionadas com pontuações mais baixas nos traços de psicopatia em geral.

Método

O presente estudo decorreu em colaboração com um projeto de doutoramento (Prata, n.d) financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/148277/2019). A 31 de outubro de 2022, previamente à consulta e análise dos dados, foi realizado um pré-registo do estudo (Santos, Ferreira-Santos, & Prata, 2022), disponível para consulta em <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/6TH8U>.

Participantes

Participaram neste estudo 74 jovens portugueses da comunidade da grande área do Porto, na faixa etária dos 12 aos 16 anos e os seus respetivos progenitores. Os jovens

($n = 7$) que não responderam ao YPI, questionário imprescindível para a análise, foram excluídos. Deste modo, conforme a Tabela 1, a amostra total contou com 67 participantes (64% raparigas), com idade média de 14 anos ($DP = 1.21$) e maioritariamente a frequentarem o 8º ano de escolaridade (36%). Quanto aos respetivos progenitores (73% mães), a maioria encontra-se casados ou a viver juntos (79%), seguindo-se a situação de divórcio (18%), sendo que noutra situação apenas se encontram 3% dos casos.

Tendo em conta que a colaboração das mães foi significativamente maior do que a dos pais, estes serão excluídos das análises que relacionam o EMBU-P com o YPI, bem como os casos em que ambos os pais (2%) responderam em conjunto.

Tabela 1
Características sociodemográficas

		<i>n</i>	%	<i>M</i>	<i>DP</i>
Sexo	Masculino	24	35.8	-	-
	Feminino	43	64.2	-	-
Idade	12-16	67	-	13.6	1.21
Escolaridade					
	5º ano	1	1.5	-	-
	6º ano	3	4.5	-	-
	7º ano	16	23.9	-	-
	8º ano	24	35.8	-	-
	9º ano	8	11.9	-	-
	10º ano	10	14.9	-	-
	11º ano	5	7.5	-	-
Sit.Pais	Casados	53	79.1	-	-
	Divorciados	12	17.9	-	-
	Outro	2	3.0	-	-
Progenitor	Mãe	49	73.1	-	-
	Pai	10	14.9	-	-
	Ambos	1	1.5	-	-

Materiais

De forma a tentar obter uma informação mais completa e o mais fiel possível, optou-se por aplicar os questionários relativos ao estilo parental não só às crianças, mas também aos seus pais, tendo em conta que as crianças poderiam não ser neutras na informação que fornecessem. Segundo Grusec (2002) é provável que elas tenham algum viés nas suas perceções das atitudes dos pais em função de variáveis como idade, humor,

temperamento e estilo de atribuição. Neste contexto, para avaliar os estilos parentais educativos, foram utilizados três instrumentos:

A Escala de Avaliação dos Estilos Parentais Versão Materna e Versão Paterna (Delgado et al., 2007: versão portuguesa de Pereira et al., 2014), composta por 41 itens, que avalia a percepção dos jovens acerca do estilo parental materno/paterno em seis dimensões: (a) afeto e comunicação (oito itens que medem a abertura, o calor e apoio parental, por exemplo “se eu tivesse algum problema, podia contar com a minha mãe/pai”); (b) promoção da autonomia (oito itens relativos ao encorajamento da independência, por exemplo “encorajava-me a tomar as minhas próprias decisões”); (c) controle comportamental (seis itens que avaliam o estabelecimento de limites e monitorização das atividades dos filhos, por exemplo “colocava limites quanto à hora em que eu devia chegar a casa”); (d) controle psicológico (oito itens, referentes à manipulação parental dos sentimentos e pensamentos dos filhos, por exemplo “tentava controlar continuamente a minha forma de ser e de pensar”); (e) revelação (cinco itens relativos à revelação voluntária, dos filhos aos pais, de aspetos relacionados com as suas atividades e as suas amizades, por exemplo “contava-lhe o meu desempenho nas diferentes disciplinas, mesmo que não me perguntasse”); e (f) humor (seis itens, que medem o otimismo e sentido de humor percebido sobre os pais, por exemplo “quase sempre era uma pessoa alegre e otimista”).

Foi pedido aos participantes que indicassem qual o número que melhor define a sua relação com a mãe/pai, numa escala de *Likert* de 1 a 6, (1 – Não descreve nada bem a relação e estou totalmente em desacordo com a afirmação; 2 – Não descreve bem a relação e estou em desacordo com a afirmação; 3 – Estou ligeiramente em desacordo com a afirmação; 4 – Estou ligeiramente de acordo com a afirmação; 5 – Descreve bem a relação e estou de acordo com a afirmação; 6 – Descreve muito bem a relação e estou totalmente de acordo com a afirmação). Valores mais elevados significam maior percepção desse fator na relação com os pais, enquanto valores mais baixos significam menor percepção. A estrutura fatorial do instrumento demonstrou ser adequada, tanto para a percepção de funcionamento parental materno ($\chi^2(763) = 1860.30, p < .001$; RMSEA = 0.041; CFI = 0.918), como para a percepção de funcionamento parental paterno ($\chi^2(763) = 1716.84, p < .001$; RMSEA = 0.039; CFI = 0.905). No que concerne às cargas fatoriais da percepção do funcionamento parental, as mesmas variaram entre .76 (“controle comportamental”) e .88 (“afeto e comunicação”) para o funcionamento materno, e entre

.78 (“controle comportamental”) e .90 (“afeto e comunicação”) para o funcionamento paterno.

O EMBU-P (Castro, 1993: versão portuguesa de Canavarro & Pereira, 2007), composto por 42 itens, tem como objetivo avaliar a percepção dos progenitores acerca dos seus próprios estilos parentais em três dimensões: (a) suporte emocional (14 itens, que traduzem a expressão verbal e física de suporte afetivo, a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica, por exemplo “quando as coisas correm mal ao seu filho, tenta compreendê-lo e animá-lo”); (b) rejeição (17 itens, que manifestam hostilidade/agressão verbal e física e não aceitação dos jovens, por exemplo “castiga o seu filho mesmo no caso de pequenas faltas?”); e (c) tentativa de controle (11 itens, que descrevem intenções e ações dos pais que visam controlar o comportamento dos jovens, manifestações de exigência e preocupações com o bem estar dos jovens, por exemplo “proíbe o seu filho de fazer coisas que outras crianças da idade dele fazem, por medo que lhe aconteça algo de mal?”). Foi pedido aos participantes que escolhessem a resposta que melhor reflete o estilo parental que têm para com o seu filho, numa escala de *Likert* de 4 pontos (1 – Não, nunca; 2 – Sim, às vezes; 3 – Sim, frequentemente; 4 – Sim, sempre). Quanto maior a pontuação, maior a percepção dessa dimensão na relação com os filhos. A fiabilidade do instrumento é considerada aceitável em todas as dimensões, quer no preenchimento materno (suporte emocional: $\alpha = .80$; rejeição: $\alpha = .74$; tentativa de controle: $\alpha = .71$), quer no preenchimento paterno (suporte emocional: $\alpha = .82$; rejeição: $\alpha = .78$; tentativa de controle: $\alpha = .73$).

A avaliação dos traços de psicopatia nos jovens foi realizada com recurso ao **YPI** (Andershed et al., 2002: versão portuguesa de Pechorro et al., 2016), composto por 10 subescalas, com cinco itens cada uma, nomeadamente: (1) charme desonesto “quando é preciso, uso o meu sorriso e o meu charme para tirar partido dos outros”; (2) grandiosidade “sou mais importante e tenho mais valor que as outras pessoas”; (3) mentira “às vezes minto sem motivo, só porque é divertido”; (4) manipulação “consigo fazer as pessoas acreditar em quase tudo”; (5) frieza “quando as outras pessoas têm problemas muitas vezes é por culpa delas, por isso não devíamos ajudá-las”; (6) falta de emoção “geralmente fico calmo em situações em que as outras pessoas ficam assustadas”; (7) falta de remorsos “é sinal de fraqueza sentir culpa e remorsos por coisas que fizemos e que magoaram os outros”; (8) impulsividade “muitas vezes faço coisas sem pensar nas consequências”; (9) procura de sensações “aborreço-me muito depressa se estiver a fazer sempre as mesmas coisas”; e (10) irresponsabilidade “já me aconteceu várias vezes pedir

uma coisa emprestada e depois perdê-la”. As subescalas estão agrupadas em três fatores: (1) grandiosidade-manipulação, que compreende os itens da subescala 1, 2, 3 e 4; (2) frieza emocional, da qual fazem parte os itens da escala 5, 6 e 7; (3) impulsividade-irresponsabilidade que engloba os itens das restantes subescalas, 8, 9 e 10. Deste modo, foi pedido aos participantes para avaliar o grau em que os itens se aplicam a eles, numa escala de *Likert* de 4 pontos (1 – Discordo muito; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo muito). Pontuações mais altas refletem um aumento da presença de traços de psicopatia. Todas as subescalas apresentam confiabilidade alfa aceitavelmente alta: $\alpha = .82$; $\alpha = .73$; $\alpha = .81$; $\alpha = .80$; $\alpha = .67$; $\alpha = .66$; $\alpha = .68$; $\alpha = .71$; $\alpha = .74$; $\alpha = .73$; respetivamente.

Procedimento

A recolha de dados relativos aos estilos educativos parentais, foi realizada em duas fases. A primeira decorreu no Laboratório de Neuropsicofisiologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, após a autorização do consentimento informado pelos progenitores. Aí, os questionários relativos aos estilos parentais foram preenchidos em formato papel, já os dados recolhidos sobre a psicopatia, seguiram as *guidelines* do projeto de doutoramento no qual este estudo se insere. Na segunda fase de recolha, devido à impossibilidade dos participantes se deslocarem ao laboratório, optou-se pela realização de questionários online, através da plataforma *Qualtrics*. Especificamente, uma parte da amostra preencheu os questionários em formato papel, tendo os restantes completado os mesmos em formato online. O método de recolha variou consoante a disponibilidade dos locais (e.g., escolas, centros de estudo).

Em todo o caso, a participação informada e voluntária foi garantida, sendo que antes de iniciar a recolha foi explicado, tanto aos adolescentes como aos pais, em que consistia o estudo, tendo os últimos assinado o consentimento informado relativamente à própria participação e à participação dos filhos, sempre com o assentimento verbal dos mesmos. O estudo ocorreu de acordo com as orientações éticas e em conformidade com os regulamentos nacionais e europeus sobre investigação com participantes humanos e gestão de dados pessoais, tendo parecer favorável da Comissão de Ética da FPCEUP e autorização para tratamento de dados da Universidade do Porto. Nos casos em que a recolha ocorreu no laboratório, existindo uma deslocação por parte dos participantes, foi

entregue um vale de compras de 10 € como forma de compensação (de acordo com os procedimentos do projeto de doutoramento a que este estudo se encontra associado).

A análise dos dados recolhidos foi efetuada através do software *IBM SPSS V.27* e do *Microsoft Excel*.

Análise estatística

Tendo em conta que os modelos teóricos revistos sugerem que os estilos parentais influenciam o desenvolvimento dos traços de psicopatia nos jovens, apesar do desenho de investigação do presente estudo ser correlacional (e portanto não permitir inferir causalidade), optou-se por utilizar a técnica de Regressão Linear Múltipla, introduzindo os estilos parentais como preditores (VI) e os traços de psicopatia como variáveis resultado (VD).

Não foram detetados erros nos dados e os *missings values* foram tratados utilizando o comando *SUM by plus* no *SPSS*, a fim de garantir que a soma da variável de interesse fosse calculada apenas para os casos em que a informação estava presente. O pressuposto da normalidade foi avaliado utilizando o teste de *Shapiro-Wilk*, o qual indicou que a apenas a distribuição da variável Rejeição era próxima da distribuição normal ($W = .977, p = .348$), todas as outras não se encontravam normalmente distribuídas (Grandiosidade_Manipulação $W = .963, p = .043$; Frieza_Emocional $W = .954, p = .015$; Total_YPI $W = .963, p = .042$; Suporte_Emocional $W = .918, p < .001$; Afeto_comunicação_M $W = .825, p < .001$; Afeto_comunicação_P $W = .757, p < .001$; Controle_comportamental_M $W = .894, p < .001$; Controle_comportamental_P $W = .895, p = .010$). Como forma de correção, foi aplicada a transformação logarítmica nos dados, técnica comumente utilizada para melhorar a normalidade dos dados com distribuição assimétrica (Osborne, 2010).

Para lidar com possíveis *outliers*, foi utilizado o critério de que nenhum valor poderia ser maior que três desvios-padrão acima ou abaixo da média. Foram identificados cinco *outliers* com valor inferior a menos três, pelo que foi aplicada uma correção por meio da soma de duas vezes o desvio-padrão aos valores correspondentes. Esta é uma técnica comum usada para reduzir a influência de *outliers* nos resultados estatísticos (Tabachnick & Fidell, 2013).

Para além disso, também foram realizadas análises de diagnóstico dos modelos de regressão de modo a garantir os pressupostos da multicolinearidade ($VIF < 5$), linearidade

(gráfico de dispersão), homocedasticidade (gráfico de dispersão), normalidade dos resíduos (histograma) e independência dos resíduos (Durbin-Watson $\geq 1.8 \leq 2.2$).

Resultados

Estatísticas Descritivas

No presente estudo foram calculadas as estatísticas descritivas e os coeficientes de consistência interna (alfa de Cronbach) para todas as escalas e subescalas, por forma a garantir uma adequada fidelidade (Tabela 2). A maior parte das escalas apresenta valores de alfa de Cronbach elevados ou adequados (entre .68 e .97).

Tabela 2

Consistência interna e estatísticas descritivas das escalas e subescalas

Escalas	N itens	alfa	M	DP
Grandiosidade Manipulação	20	.93	36.2	10.3
Frieza Emocional	15	.86	26.2	6.6
Impulsividade- Irresponsabilidade	15	.68	32.3	5.1
Total YPI	50	.92	94.7	19.0
Suporte Emocional_Mãe	14	.83	49.8	4.3
Rejeição_Mãe	17	.81	26.4	4.7
Tentativa de Controlo_Mãe	11	.77	26.3	4.7
Total EMBU_Mãe	42	.79	102.8	7.9
Afeto e Comunicação_Mãe	8	.87	43.2	5.4
Promoção de Autonomia_Mãe	7	.92	35.5	6.7
Controle Comportamental_Mãe	4	.79	19.1	4.6
Controle Psicológico_Mãe	6	.89	18.2	8.7
Revelação_Mãe	5	.85	25.2	5.3
Humor_Mãe	6	.89	30.6	5.0
Total EEP_Mãe	41	.89	172.3	20.7
Afeto e Comunicação_Pai	8	.97	40.4	9.9
Promoção de Autonomia_Pai	7	.96	34.1	8.4
Controle Comportamental_Pai	4	.84	18.3	5.3
Controle Psicológico_Pai	7	.83	17.2	8.1
Revelação_Pai	5	.92	24.1	6.6
Humor_Pai	6	.97	28.8	8.3
Total EEP_P	41	.96	162.9	35.4

Nota. Apenas são reportados os valores da escala EMBU para a mãe, pois os dados do EMBU pai foram excluídos da análise. Total EEP_M= Total da Escala de Avaliação dos Estilos Parentais Versão Materna; Total EEP_P= Total da Escala de Avaliação dos Estilos Parentais Versão Paterna.

Análises Regressão

Foi realizada uma regressão linear múltipla (Tabela 3), cujo objetivo foi perceber até que ponto a rejeição, o suporte emocional e a tentativa de controlo comportamental por parte da mãe são preditores significativos das variações dos traços de frieza emocional dos filhos. Verificamos que o conjunto de preditores não influencia significativamente esse traço [$F(3, 41) = 2.06, p = .121, R^2_{ajust} = .07$]. No entanto, quando isolamos a variável rejeição (Tabela 4), verificamos que esta parece ter influência na frieza emocional dos jovens [$B = 0.01, \beta = .30, EP = 0.003, t(41) = 2.14, p = .037$].

Todos os valores de VIF (Tabela 3) foram inferiores a 5, indicando a ausência de problemas significativos de multicolinearidade. Além disso, os gráficos de dispersão mostraram uma relação linear entre as variáveis e não revelaram um padrão claro de aumento ou diminuição da dispersão dos resíduos em relação às variáveis dependentes, sugerindo a presença de homocedasticidade. Adicionalmente, a análise de normalidade dos resíduos demonstrou uma distribuição aproximadamente normal. No entanto, os testes de independência dos resíduos revelaram a presença de autocorrelação (Durbin-Watson = 2.273).

Tabela 3

Análise de regressão linear múltipla para a predição da Frieza Emocional

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados			Estatísticas de colinearidade	
	<i>B</i>	Erro padrão	Beta	<i>t</i>	<i>p</i>	Tolerância	VIF
Constante	1.600	0.819		1.953	.058		
Rejeição	0.007	0.003	.338	1.982	.054	.728	1,374
Suporte Emocional	-0.218	0.464	-.073	-0.470	.641	.891	1.122
Tentativa de controlo	0.000	0.003	-.017	-0.105	.917	.807	1.240

Nota. Os preditores referem-se apenas à mãe, uma vez que o pai, devido ao *N* reduzido, foi excluído da análise.

Tabela 4*Análise de regressão linear para a predição da Frieza Emocional*

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		<i>p</i>
	<i>B</i>	Erro Padrão	Beta	<i>t</i>	
Constante	1.232	0.07		15,599	<.001
Rejeição	0.006	0.003	.304	2.144	.037

Foi realizada uma regressão linear múltipla (Tabela 5), cujo objetivo foi perceber até que ponto a rejeição, o suporte emocional e a tentativa de controlo comportamental por parte da mãe são preditores significativos das variações dos traços de grandiosidade-manipulação dos filhos. Verificamos que o conjunto de preditores não influencia significativamente esse traço [$F(3, 41) = .796, p = .503, R^2_{ajust} = -.014$]. Quando isolamos a variável suporte emocional (Tabela 6), verificamos que esta continua a não produzir efeito na grandiosidade manipulação dos jovens [$B = -3.058, \beta = -.009, EP = 47.067, t(47) = -0.065, p = .948$].

Todos os valores de VIF (Tabela 5) foram inferiores a 5, indicando a ausência de problemas significativos de multicolinearidade. Além disso, os gráficos de dispersão mostraram uma relação linear entre as variáveis e não revelaram um padrão claro de aumento ou diminuição da dispersão dos resíduos em relação às variáveis dependentes, sugerindo a presença de homocedasticidade. Adicionalmente, a análise de normalidade dos resíduos demonstrou uma distribuição aproximadamente normal e os testes de independência dos resíduos confirmaram a sua independência (Durbin-Watson = 1.896).

Tabela 5*Análise de regressão linear múltipla para a predição da Grandiosidade-Manipulação*

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Estatísticas de colinearidade		
	<i>B</i>	Erro padrão	Beta	<i>t</i>	<i>p</i>	Tolerância	VIF
Constante	-6.676	87.565		-0.076	.940		

Rejeição	0.486	0.374	.231	1.299	.201	.728	1,374
Suporte Emocional	17.058	49.566	.055	0.344	.733	.891	1.122
Tentativa de controlo	0.065	0.356	.031	0.182	.856	.807	1.240

Nota. Os preditores referem-se apenas à mãe, uma vez que o pai, devido ao *N* reduzido, foi excluído da análise.

Tabela 6

Análise de regressão linear para a predição da Grandiosidade Manipulação

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	<i>B</i>	Erro Padrão	Beta	<i>t</i>	<i>p</i>
Constante	42.052	79.963		0.526	.601
Suporte Emocional	-3.058	47.067	-.009	-0.065	.948

Foi realizada uma regressão linear múltipla (Tabela 7), cujo objetivo foi perceber até que ponto o afeto e comunicação, a promoção de autonomia, o controle comportamental, o controle psicológico, a revelação, e o humor por parte da mãe são preditores significativos das variações dos traços de psicopatia nos filhos. Verificamos que o conjunto de preditores influencia esses traços [$F(6, 48) = 3.235, p = .009, R^2_{ajust} = .199$]. Dos seis preditores analisados, apenas a revelação produziu um efeito significativo nos traços de psicopatia [$B = -0.009, \beta = -.536, EP = 0.003, t(48) = -2.908, p = .005$]. Contudo, quando analisamos a variável afeto e comunicação isoladamente (Tabela 8), verificamos que esta também produz um efeito [$B = -0.563, \beta = -.349, EP = 0.206, t(54) = -2.735, p = .008$].

Todos os valores de VIF (Tabela 7) foram inferiores a 5, indicando a ausência de problemas significativos de multicolinearidade. Além disso, os gráficos de dispersão mostraram uma relação linear entre as variáveis e não revelaram um padrão claro de aumento ou diminuição da dispersão dos resíduos em relação às variáveis dependentes, sugerindo a presença de homocedasticidade. Adicionalmente, a análise de normalidade

dos resíduos demonstrou uma distribuição aproximadamente normal e os testes de independência dos resíduos confirmaram a sua independência (Durbin-Watson = 2.021).

Tabela 7

Análise de regressão linear múltipla para a predição dos traços de psicopatia no geral

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	<i>t</i>	<i>p</i>	Estatísticas de colinearidade	
	<i>B</i>	Erro padrão	Beta			Tolerância	VIF
Constante	1.943	0.490		3.967	<.001		
AC_M	0.080	0.331	.050	0.243	.809	.353	2.831
PM_M	-0.001	0.003	-.038	-0.198	.844	.406	2.462
CC_M	-0.061	0.099	-.083	-0.622	.537	.828	1.207
CP_M	0.123	0.070	.260	1.750	.087	.674	1.485
R_M	-0.009	0.003	-.536	-2.908	.005	.437	2.288
H_M	0.002	0.003	.125	0.677	.502	.437	2.290

Nota. AC_M= Afeto e comunicação da mãe; PM_M= Promoção de Autonomia da mãe; CC_M=Controle Comportamental da mãe; CP_M= Controle Psicológico da mãe; R_M= Revelação da mãe; H_M= Humor da mãe.

Tabela 8

Análise de regressão linear para a predição dos traços de psicopatia no geral

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>B</i>	Erro Padrão	Beta		
Constante	2.895	0.336		8.608	<.001
AC_M	-0.563	0.206	-.349	-2.735	.008

Nota: AC_M= Afeto e comunicação da mãe.

Foi realizada uma regressão linear múltipla (Tabela 9), cujo objetivo foi perceber até que ponto o afeto e comunicação, a promoção de autonomia, o controle comportamental, o controle psicológico, a revelação, e o humor por parte do pai são preditores significativos das variações dos traços de psicopatia nos filhos. Verificamos que o conjunto de preditores parece não ter influência nesses traços [$F(6, 20) = 1.048, p = .425, R^2_{ajust} = .011$]. Quando analisamos a variável afeto e comunicação isoladamente (Tabela 10), verificamos que esta continua sem produzir efeito [$B = -0.048, \beta = -.086, EP = 0.111, t(20) = -0.432, p = .670$].

Alguns valores de VIF (Tabela 9) excederam o limite de 5, indicando a presença de problemas significativos de multicolinearidade. Apesar disso, os gráficos de dispersão mostraram uma relação linear entre as variáveis e não revelaram um padrão claro de aumento ou diminuição da dispersão dos resíduos em relação às variáveis dependentes, sugerindo a presença de homocedasticidade. Adicionalmente, a análise de normalidade dos resíduos demonstrou uma distribuição aproximadamente normal e os testes de independência dos resíduos confirmaram a sua independência (Durbin-Watson = 1.886).

Tabela 9

Análise de regressão linear múltipla para a predição dos traços de psicopatia no geral

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		<i>p</i>	Estatísticas de colinearidade	
	<i>B</i>	Erro padrão	Beta	<i>t</i>		Tolerância	VIF
Constante	1.688	0.429		3.938	<.001		
AC_P	0.353	0.359	.637	0.985	.337	.091	11.005
PM_P	-0.005	0.004	-.593	-1.094	.287	.129	7.732
CC_P	-0.172	0.114	-.355	-1.506	.148	.684	1.463
CP_P	0.067	0.070	.215	0.948	.354	.741	1.349
R_P	-0.006	0.005	-.633	-1.145	.266	.125	8.024
H_P	0.005	0.005	.644	1.099	.285	.111	9.037

Nota. AC_P=Afeto e comunicação do pai; PM_P= Promoção de Autonomia do pai; CC_P= Controle Comportamental do pai; CP_P= Controle Psicológico do pai; R_P= Revelação do pai; H_P= Humor do pai.

Tabela 10*Análise de regressão linear para a predição dos traços de psicopatia no geral*

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	<i>B</i>	Erro Padrão	Beta	<i>t</i>	<i>p</i>
Constante	2.026	0.177		11.447	<.001
AC_P	-0.048	0.111	-.086	-0.432	.670

Nota. AC_P= Afeto e comunicação do pai.

Foi realizada uma regressão linear múltipla, cujo objetivo foi perceber até que ponto o controle comportamental e o controle psicológico por parte da mãe (Tabela 11) e por parte do pai (Tabela 12) são preditores significativos das variações dos traços de psicopatia nos filhos. Verificamos que apenas existe um efeito do controle psicológico por parte da mãe [$B = 0.136$, $\beta = .288$, $EP = 0.063$, $t(54) = 2.153$, $p = .036$].

Todos os valores de VIF (Tabelas 11 e 12) foram inferiores a 5, indicando a ausência de problemas significativos de multicolinearidade. Além disso, os gráficos de dispersão mostraram uma relação linear entre as variáveis e não revelaram um padrão claro de aumento ou diminuição da dispersão dos resíduos em relação às variáveis dependentes, sugerindo a presença de homocedasticidade. Adicionalmente, a análise de normalidade dos resíduos demonstrou uma distribuição aproximadamente normal. No entanto, os testes de independência dos resíduos revelaram a presença de autocorrelação (Durbin-Watson_mãe = 2.356; Durbin-Watson_pai = 1.742).

Tabela 11*Análise de regressão linear para a predição dos traços de psicopatia no geral*

Modelo	Coefficientes não padronizados	Erro padrão	Coefficientes padronizados	<i>t</i>	<i>p</i>	Estatísticas de colinearidade	
	<i>B</i>		Beta			Tolerância	VIF
Constante	1.911	0.135		14.137	<.001		
CC_M	-0.082	0.102	-.108	-0.805	.424	.950	1.052
CP_M	0.136	0.063	.288	2.153	.036	.950	1.052

Nota. CC_M=Controle Comportamental da mãe; CP_M= Controle Psicológico da mãe.

Tabela 12*Análise de regressão linear para a predição dos traços de psicopatia no geral*

Modelo	Coefficientes não padronizados	Erro padrão	Coefficientes padronizados	<i>t</i>	<i>p</i>	Estatísticas de colinearidade	
	<i>B</i>		Beta			Tolerância	VIF
Constante	2.091	0.129		16.235	<.001		
CC_P	-0.130	0.097	-.269	-1.344	.192	.969	1.032
CP_P	0.019	0.062	.060	0.300	.767	.969	1.032

Nota. CC_P=Controle Comportamental do pai; CP_P= Controle Psicológico do pai.

Análises exploratórias

Tabela 13

Correlações Escala de Avaliação dos Estilos Parentais Versão Materna e YPI

Variável	N	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
AC_M	56	-									
PA_M	55	.707**	-								
CC_M	56	.107	.159	-							
CP_M	56	-.338*	-.291*	.223	-						
R_M	56	.679**	.633**	.103	-.088	-					
H_M	56	.678**	-.601**	.185	-.370**	.567**	-				
YPI	56	-.349**	-.303*	-.044	.264*	-.454**	-.306*	-			
GM	56	-.256	-.252	-.132	.173	-.368**	-.280*	.923**	-		
FE	56	-.410**	-.329*	.051	.276*	-.439**	-.332*	.831**	.657**	-	
II	56	-.270*	-.239	.053	.256	-.406**	-.143	.744**	.544**	.473**	-

Nota. * $p < .05$. ** $p < .001$; AC_M= Afeto e comunicação da mãe; PM_M= Promoção de Autonomia da mãe; CC_M= Controle Comportamental da mãe; CP_M= Controle Psicológico da mãe; R_M= Revelação da mãe; H_M= Humor da mãe; YPI= total YPI; GM= Grandiosidade Manipulação; FE= Frieza Emocional; II= Impulsividade Irresponsabilidade.

Tabela 14*Correlações Escala de Avaliação dos Estilos Parentais Versão Paterna e YPI*

Variável	N	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
AC_P	27	-									
PA_P	27	.897**	-								
CC_P	27	.495**	.430	-							
CP_P	27	-.113	-.129	.175	-						
R_P	27	.917**	.893*	.470*	-.023	-					
H_P	27	.914**	.900**	.461*	-.245	.850**	-				
YPI	27	.086	-.187	-.258	.013	-.202	-.306*	-			
GM	27	-.120	-.156	-.291	.034	-.244	-.280*	.923**	-		
FE	27	-.061	-.236	-.223	-.065	-.127	-.332*	.831**	.657**	-	
II	27	.000	-.012	-.084	.021	-.063	-.143	.744**	.544**	.473**	-

Nota. * $p < .05$. ** $p < .001$; AC_P=Afeto e comunicação do pai; PM_P= Promoção de Autonomia do pai; CC_P= Controle Comportamental do pai; CP_P= Controle Psicológico do pai; R_P= Revelação do pai; H_P= Humor do pai; YPI= total YPI; GM= Grandiosidade Manipulação; FE= Frieza Emocional; II= Impulsividade Irresponsabilidade.

Tabela 15*Correlações EMBU-P respondido pela mãe e YPI*

Variável	N	1	2	3	4	5	6	7
SE_M	53	-						
R_M	51	-.278**	-					
TC_M	51	-.156	.446**	-				
YPI	49	-.115	.316*	.239	-			
GM	49	.004	.270	.183	.932**	-		
FE	49	-.193	.304*	.207	.830**	.663**	-	
II	49	-.194	.287	.291*	.789**	.612**	.533**	-

Nota. * $p < .05$. ** $p < .001$; SE_M= Suporte Emocional por parte da mãe; RJ_M= Rejeição da mãe; TC_M= Tentativa de Controlo da mãe; YPI= total YPI; GM= Grandiosidade Manipulação; FE= Frieza Emocional; II= Impulsividade Irresponsabilidade.

Discussão

No presente estudo, procuramos explorar as relações complexas entre as práticas parentais e os traços de psicopatia nos jovens, analisando o efeito dos estilos parentais no desenvolvimento destes traços, utilizando tanto medidas de autorrelato dos pais (EMBU-P), como medidas de autorrelato das crianças relativas aos pais (Escala de Avaliação dos Estilos Parentais Versão Paterna e Materna).

De um modo geral, os efeitos da parentalidade foram pequenos, parecendo existir apenas efeitos do afeto e comunicação e da rejeição (ver Tabelas 3 a 12). Estes resultados podem estar relacionados com a proposta de alguns autores de que nem a personalidade dos pais, nem os seus estilos parentais parecem estar fortemente relacionados com os traços de psicopatia nas crianças (Salekin et al., 2005). Outra explicação presente na

literatura, aponta para o papel da possível hereditariedade dos traços de psicopatia, o que pode contribuir para a redução da influência do ambiente (Tuvbald et al., 2017).

Para além disso, os resultados do presente estudo sugerem que há uma maior influência da mãe do que do pai, pelo que tal pode dever-se ao papel crucial que a mãe desempenha na família. Deng e colaboradores (2022) realizaram um estudo longitudinal onde examinaram as interações dos estilos parentais e da psicopatia e concluíram que o perfil comportamental da mãe pode ter uma influência maior nos traços de psicopatia das crianças do que o perfil comportamental do pai. Também outros estudos apontam para uma maior influência da mãe no comportamento da criança, por exemplo, Rothbaum e Weisz (1994) encontraram uma relação mais forte entre a responsividade parental e externalização do comportamento das crianças para as mães do que para os pais. Também Grusec (2002) refere que as crianças normalmente selecionam mães e irmãos para moldar ativamente os seus comportamentos.

Inicialmente foram formuladas quatro hipóteses, com base na revisão da literatura e nos objetivos de investigação. A primeira, postulava que pontuações elevadas num estilo de parentalidade baseado na rejeição (hostilidade, agressão física e verbal e não aceitação dos jovens) estariam diretamente relacionadas com pontuações elevadas nos traços de frieza emocional nos jovens. A agressão física (Pardini et al., 2007) e psicológica (McDonald et al., 2011) experienciada pelos jovens pode predizer altos níveis de frieza emocional. De acordo com os resultados obtidos (ver Tabela 4), o efeito encontrado foi consistente com a literatura e parece apontar para uma relação positiva entre a rejeição parental e desenvolvimento de traços de frieza emocional. No entanto, é importante ressaltar que o tamanho do efeito foi pequeno, não atingindo o limiar da significância estatística quando introduzido no modelo (na regressão com vários preditores apenas resulta num valor p de .58, conforme reportado na Tabela 3, embora a associação direta seja significativa, conforme Tabela 4), o que indica a necessidade de cautela na interpretação destes resultados.

Relativamente à segunda hipótese – pontuações elevadas num estilo de parentalidade baseado em suporte emocional (expressão verbal e física de suporte afetivo, aceitação parental e disponibilidade física e psicológica) estarão diretamente relacionadas com pontuações elevadas de grandiosidade-manipulação – contrariamente ao esperado, o suporte emocional não parece estar diretamente relacionado nem com os traços de psicopatia no geral, nem com as grandes dimensões referidas (ver Tabela 15), mais especificamente com pontuações elevadas de grandiosidade-manipulação (ver Tabela 5).

No que diz respeito à terceira hipótese – pontuações elevadas numa parentalidade baseada em afeto e comunicação (abertura, calor e apoio parental) estarão relacionadas com pontuações mais baixas nos traços de psicopatia em geral – os resultados sugerem que a variável afeto e comunicação da mãe (ver Tabela 8) tem um efeito negativo nos traços de psicopatia, conforme previsto na literatura, contudo o mesmo não se verifica no caso pai (ver Tabela 10). O estudo de Pereira e colaboradores (2014) pode ajudar-nos a interpretar este resultado pois, segundo os autores, as mães são consideradas mais afetuosas e comunicativas, bem como mais promotoras de autonomia e confidentes. Embora pareça existir um efeito do afeto e comunicação da mãe nos traços de psicopatia em geral, quando introduzimos a variável no modelo essa perde a significância (ver tabela 7). Tal pode dever-se ao facto de a variável revelação (revelação voluntária dos filhos de aspetos relacionados com as suas atividades e as suas amizades), ter um efeito, também negativo, superior, fazendo com que o valor da primeira diminuía (ver Tabela 13).

Finalmente, no que concerne à quarta hipótese – pontuações elevadas numa parentalidade baseada em controlo comportamental e psicológico estarão relacionadas com pontuações mais baixas nos traços de psicopatia em geral – contrastando com as evidências da literatura, os resultados sugerem que o controlo psicológico (manipulação dos sentimentos e pensamentos dos filhos), exercido pela mãe, parece produzir um efeito positivo no desenvolvimento dos traços de psicopatia nas crianças (ver Tabela 13), sendo que para o pai não foram encontrados efeitos significativos (ver Tabela 14). No caso do controlo comportamental, não foram encontrados efeitos significativos em ambos os progenitores, pelo que este parece não predizer os traços de psicopatia.

Além das hipóteses formuladas, uma análise exploratória adicional foi conduzida para investigar alguns efeitos que parecem consistentes na literatura, nomeadamente o efeito da promoção de autonomia por parte dos pais no desenvolvimento de traços de psicopatia nos jovens. Deng e colaboradores (2022) apontaram que o calor, suporte e encorajamento por parte dos pais são importantes na redução do desenvolvimento dos traços de psicopatia nas crianças. Os resultados encontrados (ver Tabela 13), parecem ir no mesmo sentido, sugerindo um efeito negativo da promoção de autonomia da mãe no desenvolvimento de traços de psicopatia em geral. Para além disso, alguns estudos sugerem que uma pobre comunicação entre pais e filhos pode predizer traços de frieza emocional nos adolescentes (Pardini & Loeber, 2008) e o afeto e a comunicação aparentam estar negativamente relacionados com a impulsividade dos jovens (Garcia et al., 2019). Os resultados da análise exploratória (ver Tabela 13) sugerem tanto o efeito

negativo do afeto e comunicação da mãe na frieza emocional dos jovens, como o efeito negativo do afeto e comunicação da mãe na impulsividade-irresponsabilidade dos adolescentes. No pai não foram encontrados efeitos (ver Tabela 14).

Limitações e direções futuras

Importa referir que as interpretações destes resultados devem ser feitas à luz de várias limitações. Em primeiro lugar, a amostra é pequena e composta por jovens com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos, pelo que não é possível generalizar os resultados para jovens mais novos ou mais velhos.

Em segundo lugar, o estudo contou com um número desigual de pais e mães, sendo que, idealmente, ambos os pais deveriam ser incluídos. Há cada vez mais descobertas que revelam que mães e pais desempenham papéis diferentes (Pelchat et al., 2003; Williams & Criarochi, 2019) e os efeitos de cada um no desenvolvimento dos filhos poderão ser igualmente distintos (Milevski et al., 2007). É importante referir que o recrutamento dos pais foi realizado, no entanto estes disponibilizaram-se menos do que as mães para participar.

Em terceiro lugar, os questionários deviam ser combinados com outras fontes de informação, como dados observacionais e entrevistas, para obter uma compreensão mais completa e precisa dos traços de psicopatia nos jovens (Dadds et al; 2005), uma vez que as medidas de autorrelato podem ser influenciadas por diversos fatores, como desejabilidade social, a falta de autoconhecimento, ou a falta de honestidade (Hinkin, 1995; Paulhus & Vazire, 2007).

Em quarto lugar, esta amostra da população é cultural e etnicamente única, de modo que os resultados não poderão ser generalizados. Segundo a literatura, os comportamentos parentais estão relacionados com o modo como os pais respondem aos filhos, o que varia consoante a cultura (Bornstein & Cheah, 2006).

Para concluir, apesar dos efeitos encontrados serem considerados pequenos, os resultados sugerem possíveis relações entre estilos parentais e psicopatia nos jovens, pelo que uma visão biopsicossocial (Engel, 1977) da psicopatia nos permitiria ter uma visão mais holística e integrada deste construto. Levando isso em consideração, acredita-se que a futura pesquisa neurobiológica sobre psicopatia poderia ser potencializada pela inclusão de medidas de parentalidade (Raine & Yang, 2006). Além disso, consideramos relevante

explorar a influência da variável revelação no desenvolvimento dos traços de psicopatia nos jovens em estudos futuros, uma vez que no presente esta aparece negativamente associada com todas as escalas da psicopatia (ver Tabela 13). Finalmente, na literatura parece haver falta de estudos sobre os traços mais adaptativos da psicopatia – grandiosidade-manipulação nos jovens e ousadia na população adulta – pelo que o foco da investigação tem sido colocado nos traços de frieza emocional e de impulsividade (Waller et al., 2013). Neste sentido, consideramos que seria importante redirecionar os estudos, por exemplo concebendo a dissociação das diferentes dimensões da psicopatia, no sentido de perceber qual o impacto de cada uma delas individualmente.

Referências

- Álvarez-García, D., González-Castro, P., Núñez, J. C., Rodríguez, C., & Cerezo, R. (2019). Impact of family and friends on antisocial adolescent behaviour: The mediating role of impulsivity and empathy. *Frontiers in Psychology*, 10(2071), 1–9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02071>
- Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Levander, S. (2002). Psychopathic traits in nonreferred youths: A new assessment tool. In E. Blaauw, & L. Sheridan (Eds.), *Psychopaths: Current International Perspectives* (pp. 131–158). Elsevier.
- Baldwin, A. L., Kalhorn, J., & Breese, F. H. (1945). Psychological monographs: Patterns of parent behavior. *The American Psychological Association*, 58(3), 1–75. <https://doi.org/10.1002/cd.128>
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1, Pt.2), 1–103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 2005(108), 61–69. <https://doi.org/10.1002/cd.128>
- Beaver, K.M., Hartman, S., & Belsky, J. (2015). Differential susceptibility to parental sensitivity based on early-life temperament in the prediction of adolescent affective psychopathic personality traits. *Criminal Justice and Behavior*, 42(5), 546–565. <https://doi.org/10.1177/0093854814553620>

- Bornstein, M. H., & Cheah, C. S. L. (2006). The Place of "culture and parenting" in the Ecological Contextual Perspective on Developmental Science. In K. H. Rubin & O. B. Chung (Eds.), *Parenting beliefs, behaviors, and parent-child relations: A cross-cultural perspective* (pp. 3–33). Psychology Press.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, (2), 271–286.
- Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity: An attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality* (5th ed.). William a Dolan.
- Dadds, M. R., Fraser, J., Frost, A., & Hawes, D. J. (2005). Disentangling the underlying dimensions of psychopathy and conduct problems in childhood: A community study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(3), 400–410.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Deng, J., Wang, M.-C., Shou, Y., Lai, H., Zeng, H., & Gao, Y. (2022). Parenting behaviors and child psychopathy: A regression mixture analysis. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, 41(6), 3585–3596. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00810-4>
- Engel G. L. (1977). The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. *Science*, 196(4286), 129–136. <https://doi.org/10.1126/science.847460>
- Farrington, D. P., Ulrich, S., & Salekin, R. T. (2010). Environmental influences on child and adolescent psychopathy. In. Salekin, R. T., & Lynam, D. R. (Eds.). *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 202–230). The Guilford Press.
- Forth, A. E., Hart, S. D., & Hare, R. D. (1990). Assessment of psychopathy in male young offenders. *Psychological Assessment: A Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 2(3), 342–344. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.2.3.342>
- Frick, P. J., O'Brien, B. S., Wootton, J. M., & McBurnett, K. (1994). Psychopathy and conduct problems in children. *Journal of Abnormal Psychology*, 103(4), 700–707. <https://doi.org/10.1037/0021-843x.103.4.700>
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (Eds.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 21–60). Alínea Editora.

- Grusec, J. E. (2002). Parental socialization and children's acquisition of values. In Bornstein, M. (Ed.). *Handbook of parenting, volume 5: Practical issues in parenting* (2th ed., pp.143–168). Lawrence Erlbaum Associates.
- Hare, R. (1980). A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations. *Personality and Individual Differences*, 1(2), 111–119.
- Hare, R. D. (1991). *The Hare psychopathy checklist revised*. Multi-Health Systems.
- Harpur, T. J., & Hare, R. D. (1989). Two-factor conceptualization of psychopathy: Construct validity and assessment implications. *Psychological Assessment*, 1(1), 6–17. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.1.1.6>
- Hart, S. D., Watt, K. A., & Vincent, G. M. (2002). Commentary on Seagrave and Grisso: Impressions of the state of the art. *Law and Human Behavior*, 26(2), 241–245. <https://doi.org/10.1023/A:1014648227688>
- Hinkin, T. R. (1995). A review of scale development practices in the study of organizations. *Journal of Management*, 21(5), 967-988.
- Holden, G. W., & Buck, M. J. (2002). Parental attitudes toward childrearing. In Bornstein, M. (Ed.), *Handbook of parenting, volume 3: Being and becoming a parent* (2th ed., pp.537–562). Lawrence Erlbaum Associates.
- Izard, C. E. (1977). *Human emotions*. Plenum Press. <https://doi.org/10.1007/978-1-4899-2209-0>
- Karpman, B. (1950). Psychopathic behavior in infants and children: A critical survey of existing concepts. *American Journal of Orthopsychiatry*, 21(2), 223–272.
- Khetrapal, N. (2009). The early attachment experiences are the roots of psychopathy. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 3(1), 1–13. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v3i1.29>
- Kiehl, K. A. (2000). *A neuroimaging investigation of affective, cognitive, and language functions in psychopathy*. [Doctoral dissertation, University of British Columbia]. UBC Library's Open Collections <https://open.library.ubc.ca/soa/cIRcle/collections/ubctheses/831/items/1.0089624>
- Krueger, R. F., Hicks, B. M., Patrick, C. J., Carlson, S. R., Iacono, W. G., & McGue, M. (2002). Etiologic connections among substance dependence, antisocial behavior, and personality: Modeling the externalizing spectrum. *Journal of Abnormal Psychology*, 111(3), 411–424. <https://doi.org/10.1037//0021-843X.111.3.411>

- Krupić, D., Ručević, S. & Vučković, S. (2020) From parental personality over parental styles to children psychopathic tendencies. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00676-6>
- Larsson, H., Viding, E., & Plomin, R. (2008). Callous-unemotional traits and antisocial behavior: Genetic, environmental, and early parenting characteristics. *Criminal Justice and Behavior*, 35(2), 197–211. <https://doi.org/10.1177/0093854807310225>
- Lynam, D. R. (1996). Early identification of chronic offenders: Who is the fledgling psychopath? *Psychological Bulletin*, 120(2), 209–234. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.120.2.209>
- Maccoby, E. E. (1992). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. *Developmental Psychology*, 28(6), 1006–1017. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.6.1006>
- McDonald, R., Dodson, M., Rosenfield, D., & Jouriles, E. (2011). Effects of a parenting intervention on features of psychopathy in children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39, 1013-1023.
- Marshall, L. A., & Cooche, D. J. (1999). The childhood experiences of psychopaths: A retrospective study of familial and societal factors. *Journal of Personality Disorders*, 13(3), 211–225. <https://doi.org/10.1521/pedi.1999.13.3.211>
- McCord, W., & McCord, J. (1964). *The psychopath: An essay on the criminal mind*. Van Nostrand.
- Milevski, A., Schlechter, M., Netter, S., & Keehn, D. (2007). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self- esteem, depression and life-satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 16(1), 39-47. <https://doi.org/10.1007/s10826-006-9066-5>
- Osborne, J. W. (2010). *Improving your data transformations: Applying the Box-Cox transformation*. SAGE Publications.
- Pardini, D. A., & Loeber, R. (2007). Interpersonal and affective features of psychopathy in children and adolescents: Advancing a developmental perspective. Introduction to special section. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 36(3), 269–275. <https://doi.org/10.1080/15374410701441575>
- Pasion, R. (2014). *Etiologic-phenotypical psychopathy variants: A differential neuropsychophysiological approach of executive function and cerebral response to error* [Master's thesis, Faculty of Psychology and Educational Sciences, Porto, Portugal]. Unpublished manuscript.

- Patrick, C. J. (2006). Back to the future: Cleckley as a guide to the next generation of psychopathy research. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 605–617). The Guilford Press.
- Patrick, C. J., & Bernat, E. M. (2009). Neurobiology of psychopathy. In Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.). *Handbook of adolescent psychology* (pp. 1110–1131). John Wiley and Sons.
- Patrick, C. J., & Drislane, L. E. (2015). Triarchic model of psychopathy: Origins, operationalizations, and observed linkages with personality and general psychopathology. *Journal of Personality*, 83(6), 627–643. <https://doi.org/10.1111/jopy.12111>
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness and meanness. *Development and Psychopathology*, (21), 913–938.
- Patterson, G. R., & Fisher, P. A. (2002). Recent developments in our understanding of parenting: bidirectional effects, causal models, and the search for parsimony. In Bornstein, M. H (Ed.). *Handbook of parenting, volume 5: Practical issues in parenting* (2th ed., pp.59–88). Lawrence Erlbaum Associates.
- Paulhus, D. L., & Vazire, S. (2007). The self-report method. In R. W. Robins, R. C. Fraley, & R. F. Krueger (Eds.), *Handbook of research methods in personality psychology* (pp. 224-239). Guilford Press.
- Pelchat, D., Lefebvre, H., & Perreault, M. (2003). Differences and similarities between mothers' and fathers' experiences of parenting a child with a disability. *Journal of Child Health Care*, 7(4), 231–247. <https://doi.org/10.1177/13674935030074001>
- Pereira, A. A. F., Barbosa-Ducharne, M., & Teixeira, P. M. (2014). Propriedades psicométricas da escala de percepção do funcionamento parental – mãe e pai. *Avaliação Psicológica*, 13(3), 447–455.
- Prata, C. (n.d). *Exploring psychopathic traits in adolescence: Behavioural and neural dissociation of Grandiose-Manipulative, Impulsive-Irresponsible and Callous-Unemotional traits* (Tese de doutoramento não publicada). Faculdade de psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Raine, A., & Yang, Y. (2006). Neural foundations to moral reasoning and antisocial behavior. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 1(3), 203–213. <https://doi.org/10.1093/scan/nsi033>

- Robins, L. N. (1993). Childhood conduct problems, adult psychopathology, and crime. In S. Hodgins (Ed.), *Mental disorder and crime* (pp. 173–193). Sage Publications, Inc.
- Rothbaum, F., & Weisz, J. R. (1994). Parental caregiving and child externalizing behavior in nonclinical samples: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 116(1), 55–74. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.116.1.55>
- Salekin, R. T., Leistico, A. R., Trobst, K. K., Schrum, C. L., & Lochman, J. E. (2005). Adolescent psychopathy and personality theory-the interpersonal circumplex: Expanding evidence of a nomological net. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33, 445–460. <https://doi.org/10.1007/s10802-005-5726-Y>
- Salekin, R. T., & Lochman, J. E. (2008). Child and adolescent psychopathy: The search for protective factors. *Criminal Justice and Behavior*, 35(2), 159–172. <https://doi.org/10.1177/0093854807311330>
- Saltaris, C. (2002). Psychopathy in juvenile offenders: Can temperament and attachment be considered as robust developmental precursors? *Clinical Psychology Review*, 22(5), 729–752. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(01\)00122-2](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(01)00122-2)
- Santos, M. S. P., Ferreira-Santos, F., & Prata, C. (2022, October 31). Influence of Parenting Styles on the development of psychopathic traits in youngsters. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/6TH8U>
- Seagrave, D., & Grisso, T. (2002). Adolescent development and the measurement of juvenile psychopathy. *Law and Human Behavior*, 26(2), 219–239. <https://doi.org/10.1023/A:1014696110850>
- Steinberg, L. (2015). *Age of opportunity: Lessons from the new science of adolescence*. Mariner Books.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th ed.). Pearson.
- Tuvblad, C., Fanti, K. A., Andershed, H., Colins, O. F., & Larsson, H. (2017). Psychopathic personality traits in 5-year-old twins: The importance of genetic and shared environmental influences. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 26(4), 469–479. <https://doi.org/10.1007/s00787-016-0899-1>
- Viding, E., Fontaine, N. M. G., Oliver, B. R., & Plomin, R. (2009). Negative parental discipline, conduct problems and callous- unemotional traits: Monozygotic twin differences study. *British Journal of Psychiatry*, 195, 414–419. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.108.061192>

- Vitacco, M. J., Neumann, C. S., Ramos, V., & Roberts, M. K. (2003). Ineffective parenting: A precursor to psychopathic traits and delinquency in Hispanic females. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1008, 300–303. <https://doi.org/10.1196/annals.1301.037>
- Wall, T. D., Wygant, D. B., & Sellbom, M. (2015). Boldness explains a key difference between psychopathy and antisocial personality disorder. *Psychiatry, Psychology and Law*, 22(1), 94–105. <https://doi.org/10.1080/13218719.2014.919627>
- Waller, R., Gardner, F., & Hyde, L. W. (2013). What are the associations between parenting, callous-unemotional traits, and antisocial behavior in youth? A systematic review of evidence. *Clinical Psychology Review*, 33(4), 593–608. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2013.03.001>
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323–331.
- Williams, K. E., & Ciarrochi, J. (2019). Perceived parenting styles and values development: A longitudinal study of adolescents and emerging adults. *Journal of Research on Adolescence*, 30(2), 541–558. <https://doi.org/10.1111/jora.12542>